

Larosière: Fundo não impõe nada a ninguém

As negociações sobre o pacote deverão continuar, daqui para frente, com base nas cifras distribuídas entre fontes oficiais e comerciais. Mas poderão ocorrer modificações até novembro, quando se espera formalmente a finalização do pacote e sua abertura a assinaturas de bancos comerciais, bem como a aprovação, pela junta executiva do Fundo Monetário, do novo acordo negociado com o Brasil.

Larosière ressaltou a condição indispensável de tal acordo, na manhã de ontem. Disse que os países com problemas de balanço de pagamentos, como o Brasil, não tinham outra saída senão assumir medidas restritivas de controle de importação e consumo doméstico.

Mas defendeu-se das críticas contra esses tipos de programas, assinalando que "o FMI não impõe nada a ninguém" e que as medidas negociadas com o Brasil eram tomadas com base na perspectiva de que toda a economia do País se dirige para a recuperação.

— É errado dizer que o FMI impõe condições — disse Larosière — A realidade é ditada pela falta de crédito internacional. Não podemos impor nada.

Sobre o acordo com o Brasil, anunciado ontem, não se conseguiu saber que argumentos foram usados para convencer os bancos comerciais a participarem num jumbo de US\$ 6,5 bilhões, soma que muitos banqueiros consideravam exagerada, nas condições atuais de aperto financeiro mundial.

Um dos pontos que vinha afastando banqueiros e governos era sobre a participação de cada um no pacote financeiro do Brasil. Ao que parece, venceu a proposta de aumentarem os créditos comerciais oficiais, que se calculavam antes em US\$ 2 bilhões. No nível de US\$ 2,5 bilhões — como se calcula agora — estariam indicações de que outros governos (da Europa e do Japão) teriam concordado em aumentar sua participação.